

## FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS ASSOCIADOS À INATIVIDADE FÍSICA DE ADOLESCENTES DO MUNICÍPIO DE ALEGRETE-RS

Caroline Vargas Peres<sup>1</sup>  
Samara Marques dos Reis<sup>2</sup>  
Rhenan Ferraz de Jesus<sup>3</sup>  
Jaqueline Copetti<sup>4</sup>  
Gabriel Gustavo Bergmann<sup>5</sup>

**RESUMO:** Compreender melhor o nível de atividade física de escolares e os possíveis fatores sociodemográficos a ele associados é importante, pois a partir dessas informações é possível propor ações para o incentivo à prática de atividade física regular, interferindo positivamente na qualidade de vida imediata e em longo prazo de escolares e também poderá oferecer substanciais contribuições para os programas de intervenção. Este estudo teve como objetivo identificar os possíveis fatores sociodemográficos associados à inatividade física de escolares do município de Alegrete RS. Desta forma, poderá oferecer substanciais contribuições para os programas de intervenção.

**Palavras-Chaves:** Sociodemográficos. Escolares. Atividade Física.

## SOCIO-DEMOGRAPHIC FACTORS ASSOCIATED WITH SLEEP PHYSICS OF THE CITY OF TEENS ALEGRETE-RS

**ABSTRACT:** Better understand the level of physical activity of students and possible sociodemographic factors associated with it is important, because from this information it is possible to propose actions to encourage the practice of regular physical activity, interfering positively in the quality of immediate life and long-term school and may also offer substantial contributions to intervention programs. This study aimed to identify potential sociodemographic factors associated with physical inactivity in school children of Alegrete RS. This way you can offer substantial contributions to intervention programs.

**Keywords:** Sociodemographic. School. Physical Activity.

## FACTORES SOCIODEMOGRÁFICOS ASOCIADAS CON SUEÑO DE FÍSICA DE LA CIUDAD DE ADOLESCENTES ALEGRETE-RS

**RESUMEN:** Entender mejor el nivel de actividad física de los estudiantes y los posibles factores sociodemográficos asociados a ella es importante, porque a partir de esta información, es posible proponer acciones para fomentar la práctica de actividad física regular, interferir positivamente en la calidad de vida inmediata y de largo plazo escuela y también puede ofrecer importantes contribuciones a los programas de intervención. Este estudio tuvo como objetivo identificar los posibles factores

<sup>1</sup> Graduada em Educação Física e Especialista em Ciências da Saúde - Universidade Federal do Pampa.

<sup>2</sup> Graduada em Nutrição e Especialista em Ciências da Saúde- Universidade Federal do Pampa.

<sup>3</sup> Especializando em Educação Física Escolar no Programa de Pós-Graduação de Educação Física pela (UFSM).

<sup>4</sup> Doutora Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>5</sup> Doutor Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

sociodemográficos asociados a la falta de actividad física en escolares de Alegrete RS. De esta manera se puede ofrecer importantes contribuciones a los programas de intervención.

**Palabras-clave:** sociodemográficas, escuela, actividad física

## INTRODUÇÃO

A atividade física é operacionalmente definida como os movimentos corpóreos produzidos pelos músculos esqueléticos que resultam em gasto energético (Gomes et al., 2001). Nesse sentido, é importante incentivar o adolescente à prática de um estilo de vida saudável e para promoção da saúde, para que assim, a atividade física possa auxiliar na prevenção de doenças crônicas não transmissíveis. Durante o período da adolescência, há evidências de que a atividade física traz benefícios associados à saúde esquelética, ao controle da pressão sanguínea e da obesidade (Tassitano et al., 2007). Para Matsudo et al. (1998) é importante que os hábitos de atividade física sejam adquiridos desde a infância para que possam influenciar no nível de atividade física nas outras fases da vida. Ainda, segundo Pinho e Petroski (1999) para usufruir dos benefícios da atividade física para a saúde, é importante que se adote um estilo de vida mais ativo, como participar de atividades físicas fora do contexto escolar que atendam aos componentes necessários para o desenvolvimento orgânico e funcional de nosso corpo, e também hábitos alimentares mais saudáveis. Desta forma, melhoras na qualidade de vida tendem a serem conquistadas.

## ATIVIDADE FÍSICA EM ADOLESCENTES: SEXO E FAIXA ETÁRIA

O início da adolescência é marcado por um período de aumento acelerado no peso e na estatura. A idade de início, duração e intensidade deste estirão de crescimento, porém, é determinada geneticamente e varia consideravelmente de indivíduo para indivíduo. Isso ocorre porque o genótipo estabelece os limites do crescimento individual, mas o fenótipo individual (condições do meio ambiente) tem uma influência marcante sobre este fator (Gallahue, 1989, apud Tourinho, 1998).

A realização de atividade física na adolescência é de suma importância, pois é nesta fase em que ocorrem diferentes mudanças corporais, emocionais e até mesmo no



comportamento do indivíduo, se tornando este um dos períodos mais importantes da vida de qualquer pessoa. É nesta faixa etária que acontecem várias mudanças, pois é o momento em que os adolescentes sofrem alterações no corpo devidas s alterações hormonais. Com a prática de atividade física nesta fase da vida, o adolescente terá maior facilidade para enfrentar os efeitos psicossociais desta fase de transição, sendo que ambos os sexos gastando energia através de exercícios ou prática de esportes, o que também poderá ajudar no controle de peso do adolescente. A adolescência é um período crítico em relação à atividade física, a proporção de adolescentes inativos fisicamente é elevada, ainda que esse seja considerado o grupo populacional mais ativo Farias Jr. (2012). Desta maneira é importante que o adolescente faça uma atividade física de sua preferência, pois elas variam de acordo com o sexo. Azevedo Júnior et al. (2006) complementam dizendo que tal conhecimento pode ser um importante subsídio para qualquer iniciativa em termos de saúde pública e educação que vise fomentar o esporte e a atividade física para este grupo populacional específico.

### **ATIVIDADE FÍSICA EM ADOLESCENTES: CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS**

Explora-se a possibilidade dos pais influenciarem os filhos na adoção de comportamentos relacionados à saúde, pois a família constitui o primeiro ambiente de aprendizagem das crianças e dos adolescentes. O ambiente familiar acrescenta um conjunto de valores, crenças e hábitos que iram influenciar práticas que promovam a saúde de seus componentes, ou, ao contrário, aumentem a vulnerabilidade dos mesmos para as doenças (IBGE, 2009).

No estudo de Raphaelli (2011), os autores avaliaram a associação de comportamentos de risco à saúde entre os pais e adolescentes em um município de pequeno porte. Os resultados concluíram que o estado nutricional dos pais não mostrou associação com a prevalência de sobrepeso e obesidade nos escolares, enquanto o estado nutricional das mães relacionou-se com tal desfecho.

Neutzling e colaboradores (2010) avaliaram os hábitos alimentares dos adolescentes das escolas públicas na cidade de Pelotas, concluíram que a frequência de hábitos alimentares

saudáveis é mais baixa entre jovens de maior nível socioeconômico e entre as meninas. O hábito alimentar saudável que apresentou mais baixa frequência foi o consumo de frutas e verduras cinco ou mais vezes por dia.

Os indivíduos pertencentes a famílias com renda mensal *per capita*  $\geq 0,25$  salário mínimo, filhos de mães com escolaridade  $\geq 4$  anos de estudo, com acesso a melhores condições de saneamento básico e de posse de todos os bens de consumo investigados apresentaram maior prevalência de sobrepeso e obesidade. Destaca-se o elevado percentual do excesso de peso entre os jovens do interior urbano (20,7%) e Região Metropolitana do Recife (16,2%), em comparação com os que residem no interior rural (9,8%).

## METODOLOGIA

A amostra foi selecionada de forma aleatória multifásica. Inicialmente o município foi dividido em três áreas (centro, cidade alta e leste). Após, foram sorteadas duas escolas (uma da rede pública estadual e outra da rede pública municipal de ensino) de cada área, totalizando seis escolas da rede urbana. Para a obtenção de informações de escolares da zona urbana, foi realizado sorteio simples entre todas as escolas públicas rurais do município. Após a seleção das escolas, foram sorteadas as turmas (duas de cada série de cada escola) que participaram do estudo.

Para o cálculo do tamanho da amostra foram adotados os seguintes critérios: a) escolares de 10 a 14 anos; b) população de 5.411 escolares desta faixa etária (censo 2011 – INEP); c) intervalo de confiança de 95% (IC 95%); d) poder estatístico de 80%; e) erro amostral aceitável de 3 pontos percentuais; f) prevalência de 50% (optamos por esta prevalência, pois é a prevalência que exige o maior número amostral, aumentando as chances da amostra representar a população. Ainda, a prevalência de atividade física varia muito de estudo para estudo, dependendo do tipo de medida e do critério de classificação). Com a adoção destes critérios foi estimada a necessidade de avaliar 892 escolares. Para que o número de adolescentes da zona rural represente a quantidade de alunos matriculados nesta zona, será necessário avaliar 115 adolescentes.

## **ATIVIDADE FÍSICA (VARIÁVEL DEPENDENTE)**

A atividade física foi avaliada a partir do total de minutos na última semana (dias/semana – minutos dia) dedicados a práticas de atividades física indicadas pelos escolares em um questionário composto por 21 atividades e possibilidade de inserção de mais atividades pelos escolares. A classificação da atividade física foi realizada a partir dos pontos de corte sugeridos por Dobbins et al. (2009), onde escolares que acumularem 300 ou mais minutos de atividade física semanal foram considerados ativos e aqueles que não alcançaram foram considerados insuficientemente ativos.

## **FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS**

Os fatores sociodemográficos foram identificados através do uso de um questionário Critério Brasil – ABEP 2011 - Indicadores socioeconômicos: nível socioeconômico (, escolaridade do pai e da mãe, e rede escolar. Indicadores demográficos: sexo, idade, zona de moradia (rural ou urbana), e tipo de moradia (casa ou apartamento).

Para o tratamento dos dados foram utilizadas na análise univariada as frequências absolutas e relativas (proporções). Nas análises bivariadas foram utilizados os testes Qui-Quadrado para heterogeneidade e Qui-Quadrado para tendência linear. Na análise multivariável foi utilizada a regressão logística binária tendo a atividade física dicotomizada (ativo ou inativo) como variável dependente. As variáveis dos indicadores socioeconômicos e demográficos foram inseridas nessa análise como variáveis independentes, sem levar em consideração o nível de significância encontrado nas análises bivariadas. Para todas as análises foi levado em consideração um intervalo de confiança de 95% (IC95%). Os dados foram tabulados e analisados utilizando o programa Excel.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO**

Um total de 407 crianças e adolescentes foram avaliados. Destes, seis foram excluídos por estarem fora da faixa etária estudada. As 401 crianças e adolescentes preencheram todas

as informações para o cálculo do escore do nível de atividade física. Com isso, percebe-se que mais que a metade das crianças e adolescentes estão classificados como inativos (59,1%).

**TABELA 1 - DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS REFERENTES ÀS VARIÁVEIS ESTUDADAS EM ADOLESCENTES DE 10 A 14 ANOS DE IDADE DE ALEGRETE/RS, 2013**

Variável	N	% (IC95%)
<b>DEPENDENTE</b>		
<i>Atividade Física</i>		
Inativo (<300 min./sem.)	237	59,1 (54,2 – 64,0)
Ativo (>300 min./sem.)	164	40,9 (36,1 – 45,7)
<b>INDICADORES SOCIODEMOGRÁFICOS</b>		
<i>Sexo</i>		
Masculino	192	47,9 (43,0 – 52,8)
Feminino	209	52,1 (47,2 – 57,0)
<i>Idade</i>		
10 anos	21	5,2 (3,0 – 7,4)
11 anos	121	30,2 (25,7 – 34,7)
12 anos	113	28,2 (24,0 – 32,6)
13 anos	97	24,2 (20,0 – 28,4)
14 anos	49	12,2 (9,0 – 15,4)
<i>Nível Socioeconômico</i>		
A	1	0,2 (0,06 – 3,4)
B	113	28,2 (23,8 – 32,6)
C	245	61,1 (56,2 – 65,8)
D	41	10,2 (7,2 – 13,2)
E	1	0,2 (0,06 – 3,4)
<i>Escolaridade do pai</i>		
Não alfabetizado	88	21,9 (17,9 – 25,9)
Fundamental incompleto	73	18,2 (14,4 – 22,0)
Fundamental Completo/ Médio Incompleto	116	28,9 (24,5 – 33,3)
Médio completo/superior Incompleto	91	22,7 (18,6 – 26,8)
Superior completo	33	8,2 (5,5 – 10,1)
<i>Escolaridade da mãe</i>		

<i>Não alfabetizado</i>	75	18,7 (14,9 – 22,5)
<i>Fundamental incompleto</i>	66	16,5 (12,9 – 20,1)
<i>Fundamental Completo/ Médio Incompleto</i>	106	26,4 (22,1 – 30,7)
<i>Médio completo/superior Incompleto</i>	118	29,4 (25,0 – 33,8)
<i>Superior completo</i>	36	9,0 (6,2 – 11,8)
<i>Tipo de residência</i>		
Casa	376	93,8 (91,4 – 96,2)
Apartamento	25	6,2 (3,8 – 8,6)

n – número amostral; % - proporção da amostra; IC95% - intervalo de confiança de 95%; EF – educação física; AF – atividade física.

**TABELA 2 - ANÁLISE BIVARIADA ENTRE O NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA (INATIVO – ATIVO) E AS VARIÁVEIS INDEPENDENTES ESTUDADAS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE ALEGRETE/RS, 2013**

Variáveis	n (%)	Atividade Física		P	
		inativo % (IC95%)	ativo % (IC95%)		
<b>INDICADORES SOCIODEMOGRÁFICOS</b>					
<i>Nível Socioeconômico</i>	A/B	114	49,1 (39,9 – 58,3)	50,9 (41,7- 60,1)	0,073
	C	245	64,1 (58,1 – 70,1)	35,9 (29,1 – 41,9)	
	D/E	42	57,1 (42,1 – 72,1)	42,9 (27,9 – 57,9)	
<i>Escolaridade do pai</i>					0,226
	Menos de 8 anos de estudos	161	62,7 (55,2 – 70,2)	37,3 (29,8 – 44,8)	
	Oito anos ou mais de estudo	240	56,7 (50,4 – 63,0)	43,3 (37,0 – 49,6)	
<i>Escolaridade da mãe</i>					0,478
	Menos de 8 anos de estudos	141	56,7 (48,5 – 64,9)	43,3 (35,1 – 51,5)	
	Oito anos ou mais de estudo	260	60,4 (54,5 – 66,3)	39,6 (33,7 – 45,5)	
<i>Tipo de residência</i>					0,076
	Casa	376	58,0 (53,0 – 61,0)	42,0 (37,0 – 47,0)	
	Apartamento	25	76,0 (59,2 – 92,8)	24,0 (7,3 – 40,7)	
<i>Sexo</i>					0,000
	Masculino	192	48,4 (41,3 – 55,5)	51,6 (44,5 – 58,7)	
	Feminino	209	68,9 (62,6 – 75,2)	31,1 (24,8 – 37,4)	
<i>Idade</i>					0,357
	10 anos	21	54,2 (32,9 – 75,5)	47,6 (26,2 – 69,0)	
	11 anos	121	59,4 (50,7 – 68,1)	40,5 (31,7 – 49,3)	

12 anos	113	54,0 (44,8 – 63,2)	46,0 (36,8 – 55,2)
13 anos	97	64,9 (55,4 – 74,4)	35,1 (25,6 – 44,6)
14 anos	49	61,2 (47,6 – 74,8)	38,8 (25,2 – 52,4)

n – número amostral; % - proporção da amostra; IC95% - intervalo de confiança de 95%; P – nível de significância; \* Teste Qui-Quadrado para heterogeneidade; † Teste Qui-Quadrado para tendência; %; EF – educação física; AF – atividade física.

**TABELA 3 - RAZÃO DE ODDS BRUTA E AJUSTADA PARA ATIVIDADE FÍSICA (INATIVO - ATIVO) E OS FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS DE ESCOLARES DE ALEGRETE/RS, 2013**

VARIÁVEL		REGRESSÃO LOGÍSTICA BINÁRIA			
INDICADORES SOCIODEMOGRÁFICOS	n (%)	OR bruta (IC95%)	P	OR ajustada (IC95%)	P
<i>Sexo</i>					
<i>Masculino</i>	192 (48,4)	1	-	1	-
<i>Feminino</i>	209 (68,9)	2,36 (1,56 – 3,54)	0,000	2,23 (1,4 – 3,37)	0,000
<i>Nível Socioeconômico</i>					
A/B	114 (49,1)	1	-	1	-
C	245 (64,1)	1,85 (1,16 – 2,90)	0,008	1,84 (1,15 – 2,93)	0,010
D/E	42 (57,1)	1,38 (0,68 – 2,82)	0,375	1,60 (0,76 – 3,32)	0,211
<i>Tipo de residência</i>					
Casa	376 (58,0)	1	-	1	-
Apartamento	25 (59,2)	2,29 (0,90 – 5,88)	0,083	2,12 (0,80 – 5,60)	0,131

Neste presente estudo 59,1% das 401 crianças e adolescentes analisados, foram consideradas inativas, pois fazem menos de 300 minutos de atividade física por semana, e 40,9% considerados ativos, conforme tabela 1. Em um estudo Hallal (2010) sobre a prevalência da atividade física em 4.325 adolescentes de 14 e 15 anos, da cidade de Pelotas – RS encontrou-se 48,2% que fazem 300 ou mais minutos de atividade física por semana, sendo maior para meninos 62,6% do que para meninas 34,5%. Estes resultados estão de acordo com esta pesquisa, pois os meninos foram considerados mais ativos do que as meninas com um percentual de 51,6 e as meninas com 31,1%.

No estudo de FERMINO et al (2010) com 1.518 adolescentes de 14-18 anos, em rede pública de ensino de Curitiba-PR, 75,1% dos meninos foram considerados ativos e apenas 46,5% das meninas. Conforme a tabela 3 pode-se observar que as meninas têm duas vezes

mais chances de serem inativas em relação ao sexo masculino, isso afirma que as meninas deste estudo foram consideradas mais inativas do que os meninos.

Quanto ao nível socioeconômico da classe A/B 50,9%, da classe C 35,9% e da classe D/E 42,9% foram considerados ativos. O fato da classe A/B ter uma porcentagem maior quanto a ser ativo, pode-se explicar que os pais têm maiores condições não somente de oportunizar seus filhos a praticar alguma atividade física, como também a levá-los para tais praticas. Na pesquisa de RIVERA et al (2009), com 1.253, também foi encontrado um maior número de sedentarismo nas classes C/D/E, 964 estudantes, já na classe A/B, 208 estudantes foram considerados sedentários e mais, desses sedentários 145 assistem três horas ou mais de televisão e na classe C/D/E 663 estudantes. Mais do que a metade das crianças e adolescentes analisadas, se deslocam para a escola de maneira ativa, ou seja, a pé ou bicicleta (70,6%) e 29,4% de ônibus ou carro.

De acordo com a tabela 2, os alunos de classe socioeconômica C, foram considerados mais inativos (64,1) dos alunos da classe D/E (57,1). Isso comprova que embora os alunos de classe C, tenham teoricamente mais condições dos que os de classe D/E, são considerados menos ativos. Isso pode ser explicado pelo fato que de pais, mesmo com maiores condições de proporcionar melhores hábitos de pratica de atividade física, não levam seu filhos, em função que trabalham o dia todo, e também não deixam que eles vão sozinho por causa do perigo de sair sozinho. Já os alunos de classe econômica D/E, brincam mais e por mais que a maioria tenha a oportunidade de frequentar alguma escolinha, percebe-se a importância de execução de projetos nos bairros, pois de acordo com as respostas dos alunos, a maioria gosta de praticar atividade física, só não tem a oportunidade.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO JR, ARAÚJO; Cora Luíza P; PEREIRA, Flávio Medeiros. Atividades físicas e esportivas na adolescência: mudanças de preferências ao longo das últimas décadas. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.20, n.1, p.51-58, jan./mar. 2006.

DOBBINS M, De Corby K, ROBESON P, HUSSON H, Tirilis D. School-based physical activity programs for promoting physical activity and fitness in children and adolescents aged



6-18. Cochrane Database Systematic Rev. 2009;(1):CD007651.

DOI:10.1002/14651858. CD007651

FARIAS JR, José Cazuzza; LOPES, Adair da Silva; MOTTA, Jorge; HALLAL, Pedro Curi. Prática de atividade física e fatores associados em adolescentes no Nordeste do Brasil. Revista Saúde Pública, 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v46n3/2361.pdf>

FERMINO, Rogério C; RECH, Cassiano R; HINO, Adriano A. F; ANES, Ciro R. R; REIS, Rodrigo S. Atividade física e fatores associados em adolescentes do ensino médio de Curitiba, Brasil. Rev Saúde Pública 2010;44(6):986-95

GOMES, Valéria Barbosa; Siqueira, Kamile Santos; Sichieri, Rosely. Atividade física em uma amostra probabilística da população do Município do Rio de Janeiro. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, jul-ago, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/csp/v17n4/5303.pdf>

GUEDES, Dartagnan Pinto; LOPES, Cynthia Correa; GUEDES, Joana Elisabete Ribeiro Pinto. Reprodutibilidade e validade do Questionário Internacional de Atividade Física em adolescentes. Revista Brasileira de Medicina do Esporte, São Paulo, v. 11, n. 2, p.151-158, 2005.

HALLAL, Pedro Curi; DUMITH, Samuel C; DIMINGUES, Marlos R; GIGANTE, Denise P; MENEZES, Ana M B; KOHL, Harold W. Prevalence and correlates of physical activity among adolescents from Southern Brazil. Rev Saúde Pública 44(3):457-67, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo demográfico: 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo/default.php>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

MATSUDO, Sandra Marcela M; ARAÚJO, Timóteo Leandro; MATSUDO, Victor K Rodrigues; ANDRADE, Douglas Roque; VALQUER, Welington. Nível de atividade física em crianças e adolescentes de diferentes regiões de desenvolvimento. Revista Brasileira Atividade Física & Saúde, página 14-16, volume 3, número 4, 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - CENSO ESCOLAR 2011. Disponível em: <[www.inep.gov.br/basica/cen](http://www.inep.gov.br/basica/cen)>. Acesso em: 14 jun. 2011.

NEUTZLING, Marilda Borges; ASSUNÇÃO, Maria Cecília Formoso; MALCON, Maura Cavada; HALLAL, Pedro Curi; MENEZES, Ana Maria Baptista. Hábitos alimentares de escolares adolescentes de Pelotas, Brasil. Rev. Nutr., Campinas, 23(3):379-388, maio/jun., 2010 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rn/v23n3/06.pdf>

RAPHAELLI, Charlie de Oliveira. Prevalência de insegurança alimentar e nutricional em usuários do programa de aquisição de alimentos em São Lourenço do Sul: estudo piloto. Monografia Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Pós Graduação em gestão em





ARTIGO

saúde. 2011. Disponível em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70369/000869980.pdf?sequence=1>

RIVERA IR, Silva MAM, Silva RDATA, Oliveira BAV, Carvalho ACCC. Atividade Física, Horas de Assistência à TV e Composição Corporal em Crianças e Adolescentes. Arq Bras Cardiol 2010; 95(2) : 159-165; P. 1-7

TASSITANO, Rafael Miranda; TENÓRIO, Maria Cecília M; COLARES, Viviane; BARROS, Mauro Virgílio G; HALLAL, Pedro Curi. Atividade física em adolescentes brasileiros: Uma revisão sistemática. Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano. 2007; Página 55-60. Disponível em:

[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/Image/conteudo/artigos\\_teses/EDUCACAO\\_FISICA/artigos/atividade\\_fisica\\_em\\_adolescentes.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/Image/conteudo/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/artigos/atividade_fisica_em_adolescentes.pdf)

TOURINHO Filho, Hugo; TOURINHO, Lílian S P Ribeiro. Crianças, Adolescentes e Atividade Física: Aspectos Maturacionais e funcionais. Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo, página 71-84, jan./jun. 1998.



EDUCAÇÃO FÍSICA: DIGRESSÕES, CONTROVÉRSIAS E PERSPECTIVAS

Revista Didática Sistemática, ISSN 1809-3108 v.16 n.1 (2014). Edição Especial. p.183-193